

Terracap derruba barracos

Luíza Damé

Em pouco mais de três horas de trabalho, nove funcionários da Terracap (Companhia Imobiliária de Brasília), munidos de pés-de-cabra, colocaram abaixo sete dos oito barracos da invasão que começava a se formar ao lado do Setor Bancário Norte. Apesar das reclamações dos invasores — que alegavam não ter para onde ir — somente um barraco não foi removido por causa de uma casal de gêmeos com seis meses de idade. No entanto, o prazo para seus ocupantes deixarem o local é segunda-feira, quando assistentes sociais do GDF devem ir à invasão para discutir o destino das famílias que ficaram ao relento.

“Eu não posso deixar meus filhos na rua. Se eles derrubarem, eu vou ter de construir de novo”, afirmou o catador de sucatas, João Chaves da Silva que há três anos mora no local. O fiscal da Terracap que coordenava a operação, Namir Ferreira, concordou em dar um prazo até segunda-feira, após consultar seus superiores. Esta é a segunda vez que o invasor não tem seu barraco derrubado. No ano passado, ele não foi removido porque sua companheira estava grávida dos gêmeos e ontem, além das duas crianças, ainda cuidava de um parente com a perna quebrada.

Desespero

Em meio ao desespero das pessoas que tiveram os barracos removidos, o coordenador da operação tentava acalmar os ânimos, expli-

cando que estava “cumprindo ordens superiores” e que o governo vai precisar da área — pertencente à Terracap — para novas projeções. Namir Ferreira informou que ontem foi a quarta vez que removeu barracos daquela área e que alguns dos invasores moravam em favelas já transferidas pelo GDF para os assentamentos.

Enquanto os funcionários derrubavam os barracos, as famílias tentavam modificar seu destino usando o mesmo argumento: não tinham outro local para morar. “Nós vamos ficar aqui”, garantiu Antônio Jovêncio Galdino, há dois meses na área e que juntou em frente a sua “casa” seus poucos utensílios em meia dúzia de caixas e dois sacos. Os seis moradores do barraco terão que dividir dois colchões de solteiro e dois cobertores até que a família encontre nova moradia ou volte para o Ceará.

O maior problema enfrentado pelos funcionários da Terracap foi com o casal Judite e Antônio Rodrigues, há três anos na invasão. Eles chegaram quando parte do barraco já estava no chão e não se conformaram. “Eles poderiam ter avisado”, queixou-se Judite, enquanto verificava seus pertences, acomodados pelos servidores em um dos quatro carrinhos de catar papel estacionados ao lado do barraco. “Eu vou agora buscar madeira para construir tudo de novo”, gritou Antônio atrelando os cavalos à carroça a fim de cumprir seu propósito.